



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE LETRAS E EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

KÉZIA ANDRÉ DA SILVA

**A SENSUALIDADE FEMININA NOS POEMAS DE
VINÍCIUS DE MORAES**

Guarabira – PB
2010

KÉZIA ANDRÉ DA SILVA

**A SENSUALIDADE FEMININA NOS POEMAS DE
VINÍCIUS DE MORAES**

Artigo apresentado à Coordenação do Curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, Campus III, em cumprimento aos requisitos necessários para obtenção do grau de Licenciando em Letras, sob a orientação da Professora Dra. Wanilda Lima Vidal de Lacerda.

Guarabira – PB
2010

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

S586s

Silva, Kézia André da

A sensualidade feminina nos poemas de Vinícius do Moraes / Kézia André da Silva. – Guarabira: UEPB, 2010.

21f.

Artigo Científico (Trabalho de Conclusão de Curso – TCC) – Universidade Estadual da Paraíba.
“Orientação Prof. Dr. Wanilda Lima Vidal de Lacerda”.

1. Poemas 2. Sensualidade Feminina 3.
Erotismo I.Título.

22.ed. CDD 808.1

KÉZIA ANDRÉ DA SILVA

**A SENSUALIDADE FEMININA NOS POEMAS DE VINÍCIUS
DE MORAES**

BANCA EXAMINADORA

COMISSÃO EXAMINADORA

Wanilda Lima Vidal de Lacerda

**Prof.^a Dra. Wanilda Lima Vidal de Lacerda
(Orientadora)**

CPF: 025071614-34

Marilene Carlos do Vale Melo

**Prof.^a Dra. Marilene Carlos do Vale Melo
(Examinadora)**

CPF: 070.852.904-63

Suênio Stevenson Tomáz da Silva

**Prof. Ms. Suênio Stevenson Tomáz da Silva
(Examinador)**

CPF: 034.138.464-00

Aprovada em 20 de dezembro de 2010.

Guarabira – PB

A SENSUALIDADE FEMININA NOS POEMAS DE VINÍCIUS DE MORAES

RESUMO

Este artigo investiga a sensualidade presente na obra de Vinícius de Moraes através da representatividade feminina, bem como sua visão erótico-sensual acerca desse seu objeto de desejo. Esta é uma pesquisa bibliográfica e, sob o método hipotético-dedutivo, estudamos este poeta partindo da conceituação de amor, erotismo e poesia. Verificaremos como ao longo da história e da literatura eles se relacionaram à representação feminina. A escolha de Vinicius de Moraes como objeto de nosso estudo surgiu da constatação da necessidade de se conhecer mais sua obra poética ainda pouco explorada em trabalhos acadêmicos. Mesmo não sendo um poeta muito estudado, ele é considerado de grande relevância para a Literatura Brasileira, pois seus poemas liricamente musicais registram uma literatura voltada para o belo e para a paixão sem limites. A mulher, temática para a sua escritura poética, é o fio condutor em que nos apoiamos, partindo da representação da mulher em diferentes fases da história, para em seguida, apresentar a trajetória literária deste escritor e, em continuidade verificar como a mulher é representada em sua poética, confirmando-se, então, a sua imagem sensual e erótica em seus poemas.

PALAVRAS- CHAVE: Vinícius de Moraes. Sensualidade. Erotismo. Amor. Poesia.

1 – INTRODUÇÃO

Vinícius de Moraes (1913-1980) fez parte de um grupo de poetas brasileiros simplesmente geniais, que enobreceram nosso século XX. Com um estilo sedutor, ligado à exaltação da beleza da mulher e do corpo feminino, Vinícius não poetava, confessava em versos; e seu perceber o mundo e vivenciá-lo era de tal modo lírico que redundava em poemas. Músico, boêmio, diplomata e amante das mulheres, contribuiu ricamente para a cultura brasileira e marcou gerações. Com talento, genialidade, competência e sinceridade, ele soube escrever liricamente, cantar e fazer a arte do amor tipicamente sensual. Esse poeta que tudo viveu e tudo sentiu, ou o poetinha como era conhecido, foi um escritor da emoção, da sedução e da exaltação da figura feminina em sua época. Este trabalho aborda então, uma das principais características de sua obra: a sensualidade feminina presente em seu fazer poético.

A elaboração deste trabalho partiu do interesse de investigar a trajetória da imagem da mulher que, ao longo da história, adquiriu diversos contornos e mostrar como atingiu maior foco na poesia de Vinícius onde ocupou um lugar primordial.

A preferência por Vinícius de Moraes se deu ao fato de ele ter contribuído, com seus versos, para dar um sentido elevado e criativo à poesia e à música popular brasileira e, ainda, por perceber nele o significado maior do amor, da paixão e da valorização incondicional da mulher.

Na escolha de alguns de seus poemas para estudo analítico, buscamos os que focalizam a figura da mulher, vislumbrando a possibilidade de explicar a sensibilidade e os sentimentos masculinos e femininos, ao mesmo tempo em que estabelecem contato com os traços mais significativos da história recente da poesia brasileira. Nesses poemas, serão objeto de investigação o perfil da mulher encontrado nas diversas representações do feminino, percebidas nas imagens diferenciadas da mulher na História, e de questionamento da figura feminina tradicional, para desconstruí-la e redefini-la no confronto com a representação elaborada pelo poeta.

Os processos de investigação deste trabalho constituem-se de uma pesquisa bibliográfica, onde, inicialmente, delineamos uma visão histórica da imagem da mulher, partindo da criação e passando por diversas fases da literatura brasileira, até o Modernismo. No item seguinte, tratamos da vida e da obra de Vinícius de Moraes, destacando as fases percorridas na sua produção poética e que fizeram dele um poeta de renome. Em continuidade, abordamos, especificamente, a mulher em sua obra, destacando alguns poemas, que serão objeto de comentários críticos. Através da análise, de forma descritiva, buscamos, em seus poemas, alguns pontos básicos capazes de desvelar o tratamento dado à sensualidade da mulher e evidenciar esse lirismo peculiar através das diversas representações do feminino.

2 – SENSUALIDADE, EROTISMO, AMOR E POESIA

Durante a infância, o primeiro tipo de pensamento da criança é a fantasia, o pensamento mágico, que satisfaz alucinatoriamente os desejos não-realizados. Por não conseguir adaptar-se ao mundo real, a criança toma então a si e a seu corpo como objeto erótico e isso vai fazendo com que ela vá aprendendo a lidar e a conviver com aquilo que lhe dá mais prazer para que, supostamente, possa usá-lo

como forma de erotização, beleza e satisfação pessoal plena. E, também, atraindo para si olhares cobertos de curiosidade e intenções.

A mulher, educada na sociedade patriarcal, tem a propensão de satisfazer o seu parceiro, com o íntimo desejo de lhe ser útil e agradável. Por já ter dentro de si certa repressão de seus desejos e sentimentos, ela usa daquilo que possui de mais sedutor e atraente para tentar atingir os pensamentos e desejos mais profundos do homem. Para agradá-lo, ela tenta, com o poder do próprio corpo, aguçar o instinto sexual masculino através da prática da sedução e do encanto. Percebemos isso, por exemplo, através da dança. Ela se revela através da exibição lúdica de seu corpo como ocasião para seduzir e ser seduzida. Podemos citar as odaliscas que, com suas vestes sedutoras e com seus corpos esculturais, conseguiam agradar e despertar fantasias masculinas.

Segundo o Dicionário Aurélio, a Sensualidade é a qualidade de sensual; intenso prazer sexual; lubricidade, luxúria. (2001, p.630). Essa característica está intimamente ligada ao erotismo que se define como o conjunto de expressões culturais e artísticas humanas referentes ao sexo. A palavra provém do latim 'eroticus' e este do grego 'erotikós', que se referia ao amor sensual e à poesia de amor. A palavra grega deriva-se do nome de Eros, o deus grego do amor, Cupido para os romanos, que com suas flechas unia corações, significando hoje amor, paixão, desejo intenso.

No texto "As incursões de Eros no cenário da poesia carioca contemporânea", de Maximiliano Torres, podemos perceber a visão do autor a respeito daquele que é responsável pela sensação de prazer e satisfação e que desenvolve tamanho erotismo. O crítico afirma que Eros é e está intrinsecamente ligado à poesia, pois ele é criação, é aquele que dá existência ao que não existe; é criação da beleza, segundo o corpo e o espírito; Enfim, para ele:

Eros: aquele que co-liga o mundo da descontinuidade ao mundo da continuidade, que responde ao desejo de imortalidade, que responde à arte, que é arte. Arte como inspiração pelo amor. Arte que, sempre desafiadora, incita o princípio da razão predominante e, ao invocar a sensualidade, invoca a gratificação em oposição à repressão, faz emergir a sua pureza e a sua animalidade. E o poeta, espreitando sutilezas e significados nos corpos das letras, se enleia nos enlaces de Eros e o texto vai-se corditecendo nos sutis passos de uma bela coreografia amorosa (TORRES, 2004, p. 208).

Octavio Paz, por sua vez, na obra "O arco e a lira" definiu o amor comparando-o à Poesia:

O amor é um estado de reunião e participação aberto aos homens: no ato amoroso a consciência é como a onda que, vencido o obstáculo, antes de se desmanchar, ergue-se numa plenitude na qual tudo – forma e movimento, impulso para cima e força da gravidade – alcança um equilíbrio sem apoio, sustentado em si mesmo. Quietude do movimento. E do mesmo modo que através de um corpo amado entrevemos uma vida mais plena, mais vida que a vida, através do poema vislumbramos e raio fixo da poesia. Esse instante contém todos os instantes. Sem deixar de fluir, e tempo se detém, repleto de si. (PAZ, 1982, p.36)

Paz valoriza o erotismo como uma espécie de pára-raios para as descargas elétricas do sexo (sexualidade transformada) e, específico ao ser humano, propiciaria a vida e morte, repressão e permissão. Segundo ele: “O erotismo seria, ora uma atividade imaginativa correlata à atração física, ora um princípio de atração, como elemento passional do amor. E o amor, por fim, uma elaboração culturalmente determinada do exercício do erotismo”. (apud FONTES, 1999, p. 153).

Nessa perspectiva, observamos que a sensualidade não é em si mesma completa, ela está interligada a outros fatores, formando um composto de emoções claramente expressas na poética de Vinicius de Moraes em que o autor se encarregava de caracterizar a mulher como sensual ou sedutora, diante dos olhos críticos daqueles que o liam. Portanto, ele fazia encantar olhares e a imaginação de todos os que apreciassem a sua escrita lírico-amorosa levando amor, poesia e paixão e sugerindo sedução, erotismo e sensualidade.

3 - A IMAGEM DA MULHER EM DIVERSAS FASES DA HISTÓRIA E DA LITERATURA

A Literatura dialoga com a História procurando uma aproximação ou definição de seu campo real. Ela precisa estar intimamente ligada à História para que haja uma reformulação do passado para garantir, assim, e cada vez mais, o futuro. Ao longo dos tempos, é comum vermos, em alguns textos, a mulher de uma sociedade patriarcal caracterizada pela submissão, resignação e sofrimento. E para confirmar esses argumentos, ZOLIN (2003, p. 20) nos informa que “segundo a crítica feminista é, sobretudo a literatura de autoria masculina que tem, ao longo do tempo, representado o emparedamento da mulher nesse silêncio”.

Segundo a tradição judaico-cristã, no Jardim do Éden, da costela de Adão Deus formou Eva e entregou-lhe como companheira, mas recomendou-lhes que da

árvore do conhecimento do bem e do mal não poderiam comer, pois, morreriam. Logo após, o narrador conta que a mulher foi tentada pela serpente e sucumbiu, deu de comer a Adão o doce fruto proibido. Assim, o Senhor Deus condenou a mulher a fortes dores ao dar à luz e a submissão ao marido, enquanto que a Adão, Deus determinou o trabalho para a provisão do sustento.

A tradição grega nos conta que depois do herói Prometeu instituir o primeiro sacrifício sangrento, inicia-se uma discussão entre os deuses e os homens, a propósito da divisão das partes de carne do sacrifício. A cólera de Zeus, o rei dos deuses, agrava-se quando Prometeu rouba o fogo divino para entregá-lo aos homens, de modo que aquele, decidindo dar aos mortais um presente que fosse a sua perdição, mandou o deus Hefáistos fabricar a primeira mulher, Pandora. Esta, sendo "semelhante a uma deusa", tem toda a aparência da sedução da jovem na véspera do matrimônio, porém oculta um coração ardiloso e numerosos outros defeitos. Esse "belo mal", regalo de Zeus aos mortais, é aceito como esposa por um homem chamado Epimeteu, que só refletiu quando já era tarde demais.

Estes dois relatos da criação são variantes de um mito muito disseminado, que cria a mulher como uma categoria secundária, posterior à criação ou à existência primeira dos homens. Associa a criação da mulher à origem daquilo que se pode denominar "condição humana", ou seja, à introdução da morte e do mal no mundo. E a ela atribui uma responsabilidade maior pela obrigação do trabalho árduo a que está sujeita a existência humana.

Na Idade Clássica, a vida das mulheres gregas consistia em doar-se ao máximo a seus maridos e filhos e abdicar quase que totalmente de seus interesses e vontades. "Cuidar do lar, monitorar o crescimento de seus filhos e devotar integral fidelidade ao marido passava a ser a vida de qualquer mulher grega." (MACHADO, 2008, p.2). Demóstenes (384 a.C. - 322 a.C.) afirmava: "Temos cortesãs para nos dar prazer; temos concubinas para com elas coabitarmos diariamente; temos esposas com o propósito de termos filhos legítimos e de termos uma guardiã fiel de tudo o que se refere à casa". Uma realidade que deixa transparecer a desvalorização das mulheres e a aceitação da prostituição e da libertinagem por parte dos Gregos.

As mulheres romanas tinham como centro de atuação o âmbito doméstico onde aprendiam, desde cedo, com as mães. As suas funções consistiam em rezar com o marido e os filhos, organizar a casa e preparar-se para receber o marido.

Na Idade Média, as mulheres eram consideradas pelo clero como criaturas débeis, suscetíveis às tentações do diabo, por isso deveriam ficar sob a tutela do marido ou patriarca. A desconfiança ligada à figura feminina, e ao prazer sexual fundamenta-se nas filosofias platônica, aristotélica, estóica, pitagórica e gnóstica. Pitágoras relacionava à mulher o lado negativo. Ele dizia que: “Há um princípio bom que criou a ordem, a luz e o homem, e um princípio mau que criou o caos, as trevas e a mulher” (PITÁGORAS apud BEAUVOIR, 1997, p.6). Já Aristóteles via a mulher como um ser incompleto, pois que só servia para a reprodução, ao passo que o homem era o ser completo, que dava a vida. Esta visão predominou durante toda a Idade Média e a Igreja Cristã acabou herdando e intensificando esta visão da mulher procriadora e sem prazer sexual.

Partindo para a primeira manifestação literária da língua portuguesa, o Trovadorismo (século XII), nas cantigas de amor, o cavaleiro se dirige à mulher amada como uma figura idealizada, distante. O poeta, na posição de fiel vassalo, se põe a serviço de sua senhora, dama da corte, tornando esse amor um objeto de sonho, distante, impossível. Ele canta a dor de amar e está sempre acometido da "coita", palavra frequente nas cantigas de amor que significa "sofrimento por amor". É à sua amada que se submete e "presta serviço", por isso espera benefício (referido como o bem nas trovas).

Já nas cantigas de amigo, a figura feminina representada é a da jovem que se inicia no universo do amor, por vezes lamentando a ausência do amado, por vezes cantando a sua alegria pelo próximo encontro. Outra diferença da cantiga de amor, é que nela não há a relação Suserano x Vassalo, ela é uma mulher do povo. Muitas vezes, tal cantiga também revelava a tristeza da mulher, pela ida de seu amado à guerra.

No Humanismo, a figura feminina não aparece com muito destaque. A partir da influência de Petrarca (um dos precursores do Humanismo italiano), que assume uma nova conotação, a mulher idealizada, inatingível, carnaliza-se e a sensualidade reprimida nas cantigas de amor passa a ser frequente. O mesmo ocorre no Classicismo, onde o Amor Platônico ressurgiu entre os poetas, que revivem a idéia de que o amor deve ser sublime, elevado, espiritual, puro, não-físico.

Os poetas barrocos exaltaram o porte gracioso da mulher e realçaram algumas características até então esquecidas. Todavia, a sua fisionomia materializou-se em detrimento da imagem angelical construída pela escola de

Petrarca. O poeta barroco preferiu conhecer a presença feminina na Terra e, por conseguinte, as suas feições majestosas estimularam os apetites de Cupido. Sempre descrita em termos de excelência, a mulher foi vista como um ser desejável na beleza do seu corpo e atributos que superavam tudo quanto a natureza pudesse oferecer de belo. Se, por um lado, a mulher barroca foi apresentada como o arquétipo da beleza, paradoxalmente, ela tornou-se o alvo da veia satírica de diversos poetas. Deste modo, contra ela foram dirigidas fortes zombarias que salientaram algumas imperfeições e defeitos físicos.

Na poesia árcaica, a mulher é vista como um ser superior, inalcançável e imaterial. Claudio Manoel da Costa, por exemplo, representa em sua poética o ideal da mulher amada focalizada como parte mais nobre da natureza. Encontramos, ainda, textos em que a alegria dos amantes é tão grande que pode despertar a inveja dos próprios deuses.

A primeira geração do Romantismo apresenta um amor angelical, idealizado e cortês. Lembra bastante o trovadorismo medieval, no qual o homem é um cavaleiro e a mulher, verdadeira princesa, a mais bela dentre todas. Ela é jovem, adolescente, virgem, puríssima, imaculada. Mesmo no plano do pensamento, não observamos sensualidade, muito menos sexo. O amor é puro, o homem é protetor submisso, e nada de concreto se realiza entre os amantes, devido à enorme distância entre ambos. Há muita contemplação e pouca ação. Na segunda geração, temos um início de sensualidade, apesar de fortemente reprimida e muito conflituosa. Ineditamente, o poeta sugere que deseja carnalmente a amada, porém, em virtude da idealização feminina extrema, ele se sente inferior e indigno de tocá-la. Já na terceira geração, a realização é plena: deseja-se e faz-se. Impossível falar de poesia romântica de terceira geração, sem falar no poeta baiano Castro Alves. Digamos que ele foi responsável por uma revolução na forma de conceber e tratar a mulher romântica. Foi quem primeiro retirou a moça de seu altar de virgindade e perfeição, para jogá-la, literalmente, na cama. Em Castro Alves, acabaram-se as idealizações e veio, forte, a consumação erótica do amor.

Como os personagens de romances realistas-naturalistas estão muito próximos das pessoas comuns, a figura feminina aparece de forma não idealizada, real, objeto de prazer/adultério.

Em Machado de Assis na trilogia *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *Quincas Borba* e *Dom Casmurro*, o autor explora o tema do adultério, elaborando

uma teia de suspeitas que se sustentam na dissimulação feminina. Mulheres especiais estão presentes na criação romanesca machadiana. Não faltam as “mulheres dissimuladas” nem as mulheres ambíguas, sensuais, astuciosas. Elas não têm a fragilidade da mulher romântica.

O Simbolismo diferencia-se da escola anterior por apresentar um enfoque espiritualista da mulher, envolvendo-a num clima de sonho onde predomina o vago, o impreciso e o sublime.

No Modernismo observamos a figura feminina dotada de sensualidade e erotismo desde a primeira fase, como na poesia de Manuel Bandeira, em que a mulher aparece sempre representada de forma erótica, ou seja: a mulher como fonte de desejo; a mulher carnal, feminina, sensual. A essa visão da mulher, do desejo materializado em versos, damos aqui o nome de *erotismo poético*.

Na segunda fase modernista destacamos a poesia espiritualista, intimista e reflexiva, de profunda sensibilidade feminina. Os autores trilham caminhos próprios, na percepção material da vida, do amor e da mulher. É aí que se insere Vinicius de Moraes que, partindo de uma poesia religiosa e idealizante, chega a ser, conforme afirmamos anteriormente, um dos poetas mais sensuais de nossa literatura.

Veremos em Vinicius de Moraes a perspectiva feminina voltada para um olhar sedutor que só mesmo ele foi capaz de imprimir. Perceberemos através de sua vida e obra, de que trataremos em seguida, quem ele realmente foi: o homem que cultivou a paixão e a mulher em seu coração e viveu intensamente rodeado de amigos, mulheres e canções que fizeram dele um poeta fundamental para a nossa literatura.

4 - VINÍCIUS DE MORAES: O POETA DO AMOR E DA PAIXÃO

Poeta, compositor, diplomata, músico, boêmio e amante das mulheres, Marcus Vinicius da Cruz de Melo Moraes - um homem que jamais se contentou com uma só arte - contribuiu ricamente para a cultura brasileira e marcou gerações. Carlos Drummond de Andrade, poeta que lhe foi contemporâneo, afirmou sobre Vinicius “:Entre todos nós, ele foi o único que viveu como poeta.” Devido ao seu talento, genialidade, competência e sinceridade, soube escrever, cantar e fazer a arte do amor, tipicamente sensual e a reconhecer a mulher como o grande enigma de sua poesia.

Sempre cercado pelas mulheres, fossem elas mães, namoradas, noivas, esposas e amantes, soube atingi-las, valorizá-las e fazer dessa criação, bela e perfeita, sua grande paixão. Assim, consideramos sua obra poética inovadora, questionadora e de grande relevância.

Seus ancestrais, ligados à literatura e à música, foram certamente o rascunho daquele que deixaria uma obra sólida nas duas artes.

Aos oito anos, experimentou seu primeiro amor. E, daí por diante, sua vida não foi mais que a busca da mulher amada, a cuja beleza física e perfeição interior dedicou praticamente toda sua obra poética. Valia tudo por uma paixão. Amava louras e morenas, era tocador de violão e bom dançarino, não lhe faltavam garotas nem amigos. Confessou à mãe que desejaria ser amado por todas as mulheres e ser amigo de todos os homens.

Casou-se nove vezes e dedicou sua vida às paixões temporárias. O fato é que Vinícius sabia conquistar uma mulher. Ele amava como um cavalheiro que tira alguém para dançar num salão do final do século XIX. Um homem que amava as mulheres e que não sabia viver longe delas.

.Um poeta sedutor, um gênio aparentemente em conflito, um homem misterioso. Ainda hoje, anos depois de sua morte, Vinícius continua a exercer fascínio sobre as mulheres que o leem, assim como as de outrora.

A sua obra é dividida habitualmente em duas fases: uma de sentido místico e lírico, impregnada por temas e conflitos espirituais, e outra mais sensual e de linguagem mais simples, que ele mostra também nas composições populares de fundo social. Depois passa a compor canções mais metafóricas, enfrentando os rigores da censura. (CASTELLO, 2002. p. 20). Na fase inicial, o poeta privilegiou o espiritual e o transcendental, compondo poesias de cunho místico, numa reafirmação do homem com Deus, resultante de sua fase cristã. Essa fase desencadeou uma série de poemas metafísicos em que o conflito entre carne e espírito esteve sempre presente. Affonso Romano de Sant'Anna, em sua obra "Canibalismo Amoroso" (1993), nos diz que nessa fase transcendental, a mulher que Vinícius procura é a "mulher única", aquele ser cósmico total (1993. p.264). Em alguns versos do poema "Invocação à mulher única", podemos perceber essas características femininas envoltas em mistério e misticismo:

[...]

O Novo Testamento afirmações do bem: dúvida
 (Dúvida mais fácil que a fé, mais transigente que a esperança,
 [mais oportuna que a caridade
 Dúvida, madrasta do gênio) – tudo, tudo se esboroa
 [ante a visão do teu ventre púbere, alma de
 Pai,
 [coração do Filho, carne do Santo Espírito,
 amém!
 [...] (MORAES, 1986. p.141).

A fase espiritualista de Vinícius é curta e resume-se a três livros: *O caminho para a distância* (1933), *Forma e exegese* (1935) e *Ariana, a mulher* (1936). Nesses livros, os temas do eterno e do sublime aparecem na relação do sujeito lírico com as figuras femininas etéreas, envoltas em branco e/ou despertadoras do desejo. Há um tom de angústia por parte do eu-lírico que não consegue conciliar o desejo pela mulher com o desejo pela transcendência. Segundo o poeta e professor André Gardel:

A primeira fase de Vinícius está impregnada de uma linguagem solene e cheia de desejos de ascese espiritual, que guardam, sob as brumas místicas, uma sensualidade última, com a mulher representando o ponto de inserção entre o espiritual e o material, gerando, com isso, a angústia existencial e um tipo de delírio imagético no verso que se apresenta, no geral, cadenciado por forte sonoridade e senso rítmico. (GARDEL, 2002, p.18.).

Para um menino tímido, atingido brutalmente pelas questões metafísicas e morais impostas pelo catolicismo e, ainda depois, influenciado por amigos mais velhos ligados à igreja, como o romancista Octávio de Faria, a poesia não podia ser outra coisa: devia ser, como foi a prosa para Octávio, quase um subgênero da religião. Não é por outro motivo que a figura da mulher – que mais tarde tanta importância terá na vida e na arte de Vinícius - está “santificada”, nessa primeira fase. “A mulher que o jovem poeta tem em mente é inacessível, de uma pureza absoluta; um ser perfeito diante do qual o homem se torna um ser indigno, se não objeto”. (CASTELLO, 2003. p. 17).

Em fase posterior, a de linguagem mais simples e voltada para o real, Vinícius de Moraes compõe versos líricos decorrentes do cotidiano, da experiência diária e do encontro íntimo entre o transcendental e o humano. Dessa fase, surgem os sonetos, rememorando a tradição camoniana, valorizando a simplicidade em temas decorrentes de sua vida diária e explorando com sensualismo os assuntos que abordam o amor e a mulher. A mulher entra em cena, agora não como um ser ideal

ou inatingível, mas como um ser de carne, osso e coração, fazendo nascer então o grande poeta do amor e da paixão. Conforme o próprio Vinícius afirmou na análise da obra *O poeta da paixão*, de José Castello: “Fui salvo por uma mulher”. (2004, p. 99).

Como exemplo dessa fase, destacamos os sonetos: “Soneto do maior amor”, “Soneto do amor total”, “Soneto de separação” e “Soneto de fidelidade”. *Cinco elegias* (1943) é que marca, na poesia de Vinícius, a passagem para essa fase de proximidade maior com o mundo material.

Em outro momento, Vinícius parte para uma fase mais comprometida com o social, de engajamento político, preocupado com o homem e a problemática de seu tempo, mas sem abandonar a temática amorosa e conferindo a ela mais sensualidade. Citamos nessa fase alguns de seus poemas representativos: “A bomba atômica” e “O operário em construção”, ambos, poemas de denúncia e voltados para uma problemática realidade sócio-política.

A linguagem de Vinícius, nas fases de sua poética, ou seja, na da poesia transcendental do início e na poesia posterior que se encontra com a realidade e nela forja sua matéria, é recheada de muita sedução. Entre esses eternos e mágicos fios de poeticidade, estarão sempre presentes, sem dúvidas, a mulher, o amor e toda uma carga de sensualidade e erotismo.

As suas duas fases não são totalmente distintas. Encontram-se características da segunda na primeira e desta na segunda. Elas se completam e se relacionam intimamente com grande lirismo nos versos desse poeta de todas as sutilezas possíveis, principalmente no que tange a figura da mulher em seus poemas. Na verdade, na obra de Vinícius, a mulher é a realização e a materialização da obra divina. Ver como isto ocorre em sua obra, é o que trataremos a seguir.

5 - A MULHER NA POESIA DE VINÍCIUS DE MORAES

Ao longo dos tempos a imagem da mulher adquiriu diversos contornos, passando por um ser ambíguo e contraditório, misterioso e imprevisível, que significava o bem e o mal. No século XX, Vinícius de Moraes, conseguiu mostrar, através de sua escrita e visão múltiplas, os diversos mistérios existentes na figura feminina, ele quis romper alguns padrões pré-determinados e definir a mulher a partir de papéis femininos tradicionais – ocupações domésticas e o cuidado dos

filhos e do marido – caracterizando-a a partir das características próprias da feminilidade, tais como instinto, pureza, sensualidade e doçura.

Quando analisamos Vinícius de Moraes e conhecemos os diversos aspectos que tem sua escrita, vemos as múltiplas imagens que ele tem da mulher. Ele tentou recriá-la sob diversos ângulos, desde a mulher submissa, objeto de desejo, até aquela endeusada, de forma quase transcendental; das ricas até as mais pobres; das cultas às analfabetas; das livres às escravas. A verdade é que, para Vinícius de Moraes, não importava a categoria social, o que realmente interessava é que a mulher fosse, primeiramente, valorizada e reconhecida como co-participante dos seus desejos e que isso tudo ultrapassasse as barreiras de classes.

Desde muito cedo, um tema se destacou: o amor. Amor à mãe, à família, aos amigos – mas logo também à mulher, vista dos mais diversos ângulos. A sua intensa paixão pela figura feminina fez com que buscasse descrevê-la sob os mais diversos aspectos e das mais diversas visões que pôde ter acerca desse seu objeto de desejo. No poema, “Ariana, a mulher” o poeta elege Ariana o seu grande mito feminino e enquanto mulher total ela é “Ariana, a mulher, a mãe, a filha, a esposa, a noiva, a bem amada”. (MORAES. Poesia completa e prosa. p.130). O poeta via Ariana em toda e em nenhuma parte. Para ele, ela era a vida e até a morte, o princípio e o fim.

[...]

Tristemente me brotou da alma o branco nome da Amada e eu murmurei

[– Ariana!

E sem pensar caminhei trôpego como a visão do Tempo e murmurava –

[Ariana!

E tudo em mim buscava Ariana e não havia Ariana em nenhuma parte

Mas se Ariana era a floresta, por que não havia de ser Ariana a vida? Por que – se tudo era Ariana e só Ariana havia e nada fora de Ariana?

[...] (MORAES. Poesia completa e prosa. p.128).

A mulher em Vinícius pode ser vista em diversos aspectos e, por isso, a filha não pode deixar de ser citada aqui pelo poeta. Ela é retratada em alguns de seus poemas e nós percebemos a devoção que Vinícius sentia pela filha e o orgulho que tinha de atribuir a ela o seu sobrenome, característica de pai carinhoso e orgulhoso. Ele nos transmite, nos versos que seguem, a pureza e simplicidade com

que via a filha Susana de Moraes, no poema “Balada do Cavalão”:

Susana nasceu morena
 E é Mello Moraes também:
 É minha filha pequena
 Tão boa de querer bem!
 (MORAES. Poesia completa e prosa, p. 188)

O poeta sempre colocou a paixão acima de todas as coisas. Poderíamos ainda citar aqui outros vários tipos femininos presentes em sua obra como a mulher trabalhadora, a prostituta e até a religiosa. Na verdade, sua vida era uma busca incansável da mulher perfeita e o seu amor era transbordante pela poesia, que não seria, apenas, encontrada nos livros, mas, sobretudo, na vida real.

O eu-lírico de Vinícius também está intimamente ligado à mãe. Ele a vê como uma personagem fundamental, fictícia e ao mesmo tempo real em sua vida e dotada imensamente de amor. Para ele, ela é o próprio amor. Em seus primeiros versos, logo aos dezesseis anos, Vinícius escreve em um caderno batizado, precocemente, de “Obras completas” o seguinte verso: “A ti, maior bem de minha vida! / Minha mãe! / Meu amor”. (CASTELLO, 2002. p.52). Percebemos no poema que Vinícius de Moraes intitulou “Minha mãe”, publicado em sua obra *O caminho para a distância* (1933), características como: dedicação, zelo pelo lar, cuidado com a prole e o apreço ao bom nome da família. Nele, como um exemplo de ternura filial na sua forma mais elementar, o poeta deposita em sua mãe todas as suas fragilidades, angústias e medos e tem nela um porto seguro onde pode se confortar.

Minha mãe, minha mãe, eu tenho medo
 Tenho medo da vida, minha mãe.
 Canta a doce cantiga que cantavas
 Quando eu corria doido ao teu regaço
 Com medo dos fantasmas do telhado.
 Nina o meu sonho cheio de inquietude
 Batendo de levinho no meu braço
 Que eu estou com muito medo, minha mãe.
 Repousa a luz amiga dos teus olhos
 Nos meus olhos sem luz e sem repouso
 Dize à dor que me espera eternamente
 Para ir embora. Expulsa a angústia imensa
 Do meu ser que não quer e que não pode
 Dá-me um beijo na fronte dolorida
 Que ela arde de febre, minha mãe.
 [...]

(MORAES. Poesia completa e prosa, p. 84).

Como mencionamos anteriormente, o corpo feminino é tema bastante explorado e presente na Literatura e recorrente na maior parte da obra de Vinícius de Moraes. De acordo com alguns ensaístas e críticos, é pelo corpo que o amor é erotizado e se comunica com a vida e com as forças mais ocultas entre o caminho do céu e do inferno. Em sua poética, Vinícius também analisa um tipo feminino oposto ao que foi apresentado anteriormente: a mulher como objeto real de prazer.

No poema “Receita de Mulher”, presente em sua obra *Antologia poética* (1954), ele retrata a temática da busca da mulher amada, revelada e perdida de desejo, a mulher é descrita como objeto de prazer, pronta para satisfazer todos os seus desejos mais reprimidos. Então, assim escreve: “Seja leve como um resto de nuvem: mas que seja uma nuvem com olhos e nádegas. Nádegas é importantíssimo. Olhos, então nem se fala, que se olhem com certa maldade inocente” (MORAES, 1992, p. 227-228), coisificando, assim, a mulher amada, dando a ela características peculiares, ao mesmo tempo em que exalta a sua imagem.

Vinícius de Moraes deixa clara essa presença erótica em toda a sua obra, onde o erotismo para ele é uma poética corporal, é sexualidade transfigurada, é pura imaginação e a mulher, com sua imagem de ardor e beleza, marca seus impulsivos e generosos passos para que a voz da poesia se anuncie. Mulher essa disfarçada em delicadeza, lirismo e sedução.

A ampla visão poética de Vinícius, no poema “A mulher na noite” é a imagem da mulher fatal, que aparece na noite envolta em características amedrontadoras e inibidoras de todo desejo. Conforme Affonso Romano de Sant’Anna, é “a mulher demônio que o vem possuir mortalmente” enquanto ele, passivo, a espera ante a ameaça. (1993. p.288). As figuras que aparecem no poema “fazem parte de um sistema simbólico de representação de angústia, ansiedade e fobias de emulação erótica”. O poema fala de “formigas, cobras, lobas, insetos, reses e cabras, reafirmando conotações simbólicas. (Ibidem, p.289).

Em outro poema, “A volta da mulher morena”, Vinícius reage diante do desejo que parece conduzi-lo à morte. Por isso pede aos seus amigos e irmãos que ceguem os olhos da mulher morena que eles estão envolvendo-o e tirando-lhe o sono. Ela é ameaçadora e representa o desejo do homem. A mulher morena é a “fonte do mal e do distúrbio” e significa o irrefreável apelo erótico. (SANT’ANNA, 1993. p.293). Vejamos em alguns versos do poema os apelos que o poeta faz:

Meus amigos, meus irmãos, cegai os olhos da mulher morena
 Que os olhos da mulher morena estão me envolvendo
 E estão me despertando da noite.
 Meus amigos, meus irmãos, cortai os lábios da mulher morena
 Eles são maduros e úmidos e inquietos
 E sabem tirar a volúpia de todos os frios
 Meus amigos, meus irmãos, e vós que amais a poesia da minha
 alma
 Cortai os peitos da mulher morena
 Que os peitos da mulher morena sufocam o meu sono
 E trazem cores tristes para os meus olhos.
 [...]

(MORAES. Poesia completa e prosa. p.103).

Além das imagens femininas já descritas, Vinícius ainda conseguiu “santificar” a mulher através de seus versos. No poema “A brusca poesia da mulher amada II”, o poeta caracteriza a mulher como deusa, como uma rainha carregando o cetro, símbolo maior de poder e reverência pelos súditos. Ele a coloca como um ornato no alto de um templo romano, símbolo de sublimidade. Conforme fragmento do poema, a mulher pode ser considerada uma deusa, quase sagrada:

A mulher amada carrega o cetro, o seu fastígio
 É máximo. A mulher amada é aquela que aponta para a noite
 E de cujo seio surge a aurora. A mulher amada
 É quem traça a curva do horizonte e dá linha aos movimentos dos
 astros.

[...]

(MORAES. Poesia completa e prosa, p.335).

O amor pela mulher representado na poesia de Vinicius é de tal intensidade, a ponto de serem atribuídos à amada valores pertencentes apenas ao Deus supremo, assemelhando-a até mesmo ao mar, com toda sua imensidão e infinito por natureza.

Vinícius, um homem tocado pelo dom de encantar e de seduzir, viveu intensamente para o amor, sabendo unir todo seu romantismo a uma sensibilidade que só mesmo ele foi capaz de imprimir em seus textos altamente sedutores e inovadores. No poema “O mais que perfeito” (1958) o eu-lirico almeja estar ao lado da amada eternamente, a fim de que esse amor que sente por ela nunca se acabe e que ela possa ser a sua morada eterna:

Ah, quem me dera ter-te

Como um lugar
Plantado num chão verde
Para eu morar-te
Morar-te até morrer-te.

(MORAES. Poesia completa e prosa, p. 310).

No seu “Soneto da mulher ao sol” (1956), podemos ver nitidamente esse erotismo quando o autor aponta o esplendor de uma mulher exposta ao sol com toda sua beleza e charme ao mesmo tempo em que enaltece cada característica feminina levemente umedecida. Nele, o poeta retrata o cotidiano criando um clima de felicidade erótica quando descreve o sol passeando sobre o corpo feminino:

Uma mulher ao sol – eis todo o meu desejo
Vinda do sal do mar, nua, os braços em cruz
A flor dos lábios entreaberta para o beijo
A pele a fulgurar todo o pólen da luz.
Uma linda mulher com os seios em repouso
Nua e quente de sol – eis tudo o que eu preciso
O ventre terso, o pêlo úmido, e um sorriso
À flor dos lábios entreabertos para o gozo.
Uma mulher ao sol sobre quem me debruce
E em quem beba e a quem morda e com quem me lamente
E que ao se submeter se enfureça e soluçe
E tente me explodir, e ao me sentir ausente
Me busque novamente – e se deixa a dormir
Quando, pacificado, eu tiver de partir...
(MORAES. Poesia completa e prosa, p. 345).

Mas Vinícius opõe seus pensamentos e idéias quando nos apresenta seus versos no poema “O desespero da piedade” pedindo clemência a Deus para que tenha piedade das mulheres, de todas, incondicionalmente. Cada verso descrito abaixo é responsável por uma estrofe do poema apresentando visões diferentes e múltiplas da mulher. Ele não se esquece de nenhuma delas, desde as mais feias, até as santas mulheres, desde aquelas no momento do primeiro coito, até as inocentes, na hora do parto e desde as desquitadas até as vagabundas fazendo sempre referência à Bíblia Sagrada. Nas estrofes que dizem respeito às mulheres, assim ele inicia:

[...]
E no longo capítulo das mulheres, Senhor, tende piedade das
mulheres
Castigai minha alma, mas tende piedade das mulheres
Enlouquecei meu espírito, mas tende piedade das mulheres

Ulcerai minha carne, mas tende piedade das mulheres!

[...]

Tende piedade, Senhor, da moça feia que serve na vida de casa [...]

das moças pequenas das ruas transversais [...]

da mulher no primeiro coito[...]

da mulher no instante do parto[...]

das mulheres chamadas desquitadas[...]

das mulheres chamadas vagabundas[...]

das primeiras namoradas[...]

de todas as mulheres[...]

das que são puras[...]

das santas mulheres[...]

(MOISÉS, 1980. p.32-33).

Vinícius, o homem sedutor, viril e sensível, através de seus poemas declarou seu amor pelas mulheres como algo que ultrapassava a carne e que chegava a ser, de certo modo, se não uma identificação, uma profunda compreensão, uma cumplicidade. Conseguiu retratar em sua produção poética um verdadeiro emaranhado de visões acerca da mulher, às mais das vezes, seu instrumento de prazer e fonte infindável de inspiração. O próprio poeta teria dito: “A poesia é tão vital para mim que ela chega a ser o retrato da minha vida. E eu me considero tão imperfeito”. Enfim, Vinícius foi diverso e sempre o mesmo; chama que dificilmente se acabará.

6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar Vinícius foi, ao mesmo tempo, desafiante e prazeroso. Através da sua produção poética, a mulher pôde ser vista em diversos aspectos que ajudaram a dar uma visão melhor sobre a proposta de nossa pesquisa, pois Vinícius de Moraes possui múltiplas visões da mulher e dedicou grande parte de sua obra a elas. Por suas tendências lírico-amorosas, criou um elevado número de poemas e crônicas que valorizam e enaltecem a figura feminina, vítima de tanta opressão e injustiça. Essas múltiplas visões fizeram com que Vinícius ficasse reconhecido como o poeta do amor e da paixão sem limites e deram à sua obra uma eternidade inigualável.

O poeta descreveu a mulher de forma peculiar, sem se importar com categoria social, explorando minuciosamente características que a exalta com sublimidade, sensualidade e erotismo. A busca incansável da mulher perfeita fez

transparecer, na poética de Vinícius, tipos femininos como: mulher mãe, mulher filha, mulher-objeto, mulher fatal e mulher-deusa. Assim, ele expressou suas emoções e sentimentos profundos e mostrou ao leitor quem realmente era ao traduzir suas imagens femininas.

Vinícius continuará a ser, eternamente, um homem dividido entre a razão e a emoção, prevalecendo sempre a emoção com a qual construiu grande parte de sua obra. Foi um poeta brilhante, reconhecido nacional e internacionalmente, diplomata e até boêmio da nossa Bossa Nova. Ele foi um homem que amou a liberdade, mesmo que com ela corresse riscos e decepções. Um homem disposto a se transformar, na verdade, um camaleão que não tem medo de mudar, como acentuou José Castello.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA sagrada. 12. ed. Tradução dos originais mediante a versão dos monges de Maredsous (Bélgica) pelo Centro Bíblico Católico. São Paulo: Ave Maria, 1998.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. 11^a ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

CASTELLO, José. **Vinícius de Moraes: o poeta da paixão, uma biografia**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. Vinícius de Moraes: o poeta da paixão. **Continente Multicultural**, Recife, v.3, n. 34, p. 14-20, out. 2003.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio Século XXI Escolar: O minidicionário da língua portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FONTES, Maria Aparecida. A transladação do corpo: amor, erotismo, revolução cultural e *poiesis*. In: CUNHA, Helena Parente (org.). **Desafiando o cânone: aspectos da literatura de autoria feminina na prosa e na poesia (anos 70/80)**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1999. p. 151-170.

GARDEL, André. Vinícius, poeta do encontro. **Vinícius: biografia**. Rio de Janeiro: Bem-te-vi, 2002.

MACHADO, João. 2008 **A vida em família na Antiguidade Clássica**. Disponível <<http://www.planetaeducacao.com.br/novo/artigo.asp?artigo=405>> acesso em 23 de março de 2008.

MORAES, Vinicius de. **Poesia completa e prosa**. Organizado por Afrânio Coutinho com assistência do autor. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986.

_____. **Antologia poética**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. **Para viver um grande amor**: crônicas e poemas. São Paulo: Companhia das Letras, 1997

MOISÈS, Carlos Felipe. **Vinicius de Moraes**: seleção de textos, notas, estudos biográfico, histórico e crítico e exercícios. São Paulo: Abril Educação, 1980. p. 32-33.

PROSTITUIÇÃO na Grécia antiga. Disponível em
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Prostitui%C3%A7%C3%A3o_na_Gr%C3%A9cia_Antiga
> acesso em 05 de outubro de 2010, às 19:36.

PAZ, Octavio. **O Arco e a Lira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. Col. Logos. Tradução de Olga Savary (p.15-31)

TORRES, Maximiliano. As incursões de Eros no cenário da poesia carioca contemporânea. In: CUNHA, Helena Parente (org.). **Além do cânone**: vozes femininas cariocas estreantes na poesia dos anos 90. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004. p. 201-220.

XAVIER, Therezinha Mucci. **A personagem feminina no romance de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Galo Branco, 2005. (Coleção Ensaio; 10).

ZOLIN, Lúcia Osana. **Desconstruindo a opressão**: a imagem feminina em *A república dos sonhos* de Nélida Piñon. Maringá: Eduem, 2003.